

# A Televisão no Espaço Doméstico?

Arlindo Castro  
Universidade Federal do Espírito Santo

---

## RESUMO

Análise etnográfica do espaço doméstico familiar e sua relação com a televisão. Observa-se que a TV afeta a interação entre as pessoas gerando novas regras de convívio e socialização no lar.

*PALAVRAS CHAVE:* Comunicação/Etnografia, televisão

---

## RESUMEN

Análisis etnográfico del espacio doméstico familiar y su relación con la televisión. Se observa que la TV afecta la interacción entre las personas generando nuevas reglas de convivencia y de socialización en el hogar.

*PALAVRAS CHAVE:* Comunicación/Etnografía, televisión

---

## ABSTRACT

Ethnographic analysis of the familiar space and its relation with the television. Observes that the TV affects the interaction between the persons creating new conviviality rules and socialization in the home.

*PALAVRAS CHAVE:* Communication/Ethnograph, television

Este trabalho é um estudo sobre recepção, na linha de uma etnografia do espaço doméstico onde a TV funciona, mais do que uma análise semiótica de leituras que telespectadores e telespectadoras fazem de programas específicos. Aqui a interpretação das narrativas de consumidores é orientada para considerar como a presença da TV afeta e molda as relações familiares, em cuja engrenagem o televisor se tornou uma peça fundamental.

Após um bom número de anos trabalhando com teorias críticas da Comunicação, estou convencido de que uma estratégia importante de resistência à televisão consiste em motivar as pessoas a pensarem sobre suas próprias relações com o medium -- seja como uma constatação existencial, uma reflexão intelectual, ou ambas as coisas. Os relatos primários que serviram de base para este *paper* surgiram exatamente da necessidade que senti de fazer meus alunos e alunas de jornalismo e publicidade trabalharem suas próprias relações com a TV, ao mesmo tempo que aprendem a lidar com a linguagem do meio.

O caminho escolhido foi iniciar os cursos pedindo a eles para escreverem de 3 a 5 páginas sobre o tema "Minha família e a TV", ou "A TV na Minha Casa", para os estudantes que não moram com a família. Na leitura desses relatos, nem sempre é fácil ou possível separar as partes mais propriamente

etnográficas, como descrições de práticas e hábitos, das opiniões de cada um ou cada uma. Eis exemplos de trechos claramente opinativos:

*A TV seria, na visão de alguns, a desagregadora de lares felizes. Se a família não dialoga mais, a culpa é da TV.*

*Se a criança só quer comer alimentos mostrados em comerciais, a culpa é da TV. Afinal, é muito bom ter algo no qual pôr a culpa.*

*A TV é muito quadrada. Brincadeira. Na verdade, ela é até muito prá frente e liberal.*

Por outro lado, temos descrições diretas de práticas:

*Neste horário noturno, os programas mais assistidos são os enlatados americanos, os especiais da Globo, e qualquer coisa que aparecer.*

*Têm algumas coisas em que minha mãe presta a maior atenção do mundo: notícias de mortes e de aumento de salário para os militares -- meu pai é da Marinha.*

Ao mesmo tempo, é também comum encontrar trechos em que descrições e juízos de valor se misturam, como neste exemplo -- "Nós só temos uma televisão. Resultado: lá em casa, não posso escolher o que assistir. É a família quem manda". -- onde, ao lado da informação objetiva sobre o número de televisores na casa, está expressa uma insatisfação com a situação, gerada pela divergência do jovem com as preferências dos familiares mais influentes na crucial decisão de que canal assistir quando as opiniões variam, e só existe um televisor. Durante meu trabalho de selecionar observações sobre os papéis da TV como reguladora das relações familiares e da socialização doméstica, comecei também a anotar temas ou motivos recorrentes nos relatos -- por exemplo, associações entre controle remoto e poder -- e acabei formando um universo de cerca de 120 frases, que possibilitaram a análise que se segue.

Sabe-se que a televisão afeta a interação entre as pessoas, pois sua presença cria novas regras de convívio. Antes de discutir quais são essas regras, cabe registrar que, no contexto doméstico, é comum ocorrer uma antropomorfização da TV -- como se ela fosse um Ser composto de muitos seres, i.e., as pessoas que nela aparecem. Dia após dia, a TV "acorda", "faz refeições" e "vai dormir" -- eventualmente até "sonha" -- como todo mundo, e assim vai se tornando um "membro" da família.

Como alguns alunos colocaram.

*De simples eletrodoméstico, a televisão passou a ser parte integrante da família. Ela é a verdadeira "Rainha do Lar", regulando os horários e as rotinas da casa.*

*Eu garanto que em minha casa a TV faz parte da família. Quando ela não está ligada, a gente sente falta dela. Quando está "doente", é um desespero geral.*

*Eu me acostumei à TV e sinto falta dela, embora nem sempre aceite suas atitudes. Mas ela não está nem aí, e eu continuo observando, cada vez mais dependente dela.*

Como este último exemplo enfatiza, a intimidade com a televisão tende a se transformar numa verdadeira dependência -- e aqui encontramos o tema do televício, a metáfora da TV-droga, o ópio das massas.

"A televisão parece ser o principal elemento da minha casa", conta uma aluna. "Outro dia faltou energia por umas 3 horas no meu bairro. Ficamos desolados, pois perdemos as novelas e os jornais. Ficamos fora do mundo!" Apesar de um tanto hiperbólico, eis outro exemplo de dependência: "É totalmente impossível almoçar sem ver algum desenho animado ou mesmo os telejornais. Afinal, vício é vício!"

Assim como o exemplo precedente, o seguinte também registra uma confissão explícita de dependência e toca no tema "Comida e TV" -- ao mesmo tempo que introduz outro tema, a inércia do telespectador:

*A TV divide minha família, gera brigas e me faz engordar, pois fico inerte diante dela, comendo e com preguiça de praticar esportes. Entretanto, tenho que admitir: não consigo mais viver sem ela.*

A primeira das regras de convívio criadas por causa da TV é o que podemos chamar de "Lei do Silêncio" (embora a expressão seja um tanto imprecisa), que estabelece tanto os momentos em que se deve calar, como aqueles em que se pode falar.

Aqui as tradicionais hierarquias familiares se fazem valer com frequência -- e na frente da TV, a autoridade se traduz no poder de escolher o canal.

*Quando uma das filhas quer assistir algo que os pais não querem, ela tem que se mudar para outra TV. Os pais têm sempre razão.*

*Junto com a TV vem uma série de regras de convívio. Ao Rei-Pai cabe o direito de escolher o canal, e na presença dele faz-se silêncio na corte. Para os demais súditos, vale a lei do primeiro a ligar, primeiro a escolher, e os incomodados que se mudem. Isto é que é democracia!*

*Na escolha do programa, o que prevalece é a lei do mais velho.*

*As novelas ficam por conta da minha avó e da minha irmã. É terrível! Ninguém pode falar nada. Normalmente sou expulsa da sala.*

Quando o programa em questão é um de seus favoritos, as figuras de autoridade -- pais, avós, tios, irmãos e irmãs maiores, e suas diversas com-

binações -- controlam a situação de recepção -- que, por outro lado, é sempre "negociada" com a parcela de autoridade que emana da própria TV:

*Na minha casa, a TV é uma autoridade, um "ser" que une ou divide a nossa família de acordo com o programa.*

*Meus familiares acreditam na TV, gostam do seu "jeitinho" e são fiéis a ela, ouvindo o que ela tem a dizer todos os dias, sempre no mesmo canal e com volume alto.*

*Tudo que é dito pelos programas e noticiários soa como mais verdadeiro, mais confiável do que se tivesse sido contado por um de nós da família.*

Em verdade, ao estabelecer seus hábitos, os mais velhos determinam indiretamente os dos outros, particularmente nos domicílios com uma, ou até duas TVs. Como a programação das emissoras é elaborada cuidadosamente para que todos os membros da família tenham a sua fatia, isso ajuda a reduzir os atritos. Aqui é curioso notar que, quando lhes é dada a voz, as crianças também fazem valer as suas prerrogativas. Vejamos, por exemplo, esta descrição de crianças assistindo desenhos animados num domingo de manhã: "De vez em quando, entra um adulto na sala e tenta mudar o canal. As crianças reagem e aí é aquela confusão." No mesmo relato, dia continua, e "no início da noite, a criança invade novamente a sala para assistir o programa **A Família Dinossauro**".

Práticas como essa indicam a negociação entre adultos e crianças dos horários de ver TV. Neste caso, após assistirem seus desenhos de manhã, as crianças saíram para brincar ou fazer outras coisas dentro da casa -- ou seja, "deixaram" os outros horários para os adultos. É como uma espécie de prêmio por seu "bom comportamento" -- o que muitas vezes é declarado explicitamente -- as crianças podem voltar à noite, e dominar momentaneamente um horário em que os adultos geralmente se preparam para encerrar seu domingo vendo TV. Todavia, nem sempre as coisas se desenrolam de modo pacífico, como demonstra o exemplo:

*Quando querem assistir algo que contraria as crianças, meus pais não têm a devida paciência para explicar. Aí, é aquela choradeira e aquela baixaria.*

Voltando à questão da "Lei do Silêncio", cabe ressaltar que os membros da família, ou as pessoas que habitualmente assistem TV juntas sempre estabelecem algum tipo de acordo tácito ou declarado sobre os instantes em que se pode falar. Esses instantes são geralmente os intervalos comerciais. Historicamente, os anúncios de rádio (e depois de TV) foram criados para preencher os períodos vazios entre as partes de um programa e entre os programas, e se tornaram uma pontuação eloqüente no fluxo da programação -- servindo, entre outras coisas, para "descansar" o espectador, para "permitir" que ele vá ao banheiro ou à cozinha sem perder nada. Em outras palavras, o intervalo não foi desenvolvido para que as pessoas se desligassem momen-

taneamente da transmissão, mas ele acabou tendo essa função para os telespectadores, tornando-se uma prática universal, uma necessidade<sup>1</sup> -- para pesadelo dos publicitários, sobretudo após o controle remoto.

Porque são raras as pessoas que ligam a TV para ver comerciais, os intervalos se tornam ocasiões em que conversas paralelas são mais aceitáveis. Esta é talvez a principal razão pela qual os comerciais são habitualmente transmitidos num volume mais alto que os programas, e que o áudio da TV seja tão ou mais importante que as imagens. "Quando coincide que todos os canais estão passando comerciais", relata uma aluna, "diminuí-se o volume da TV. Aí conversamos um pouco até o programa voltar". Se as pessoas são restringidas de falar também durante os comerciais, quase toda a conversa diante da TV fica automaticamente banida, exceto por observações casuais -- que, diga-se de passagem, talvez sejam a principal forma de verbalização em frente à TV, em vez de diálogos completos. Estes também ficam prejudicados quando, ao ser interpelado, o interlocutor adia a resposta para não perder nada do programa -- o que, eventualmente, causa atritos entre as pessoas.

De qualquer maneira, uma aluna registrou sua indignação com a norma de conversar durante os intervalos:

*Hora do comercial. Por que todos falam ao mesmo tempo? Agora eu quero ver, e às vezes tenho que brigar para assistir uma comercial que, por causa da briga, acabo assistindo só pela metade.*

Conversas são aceitas também durante alguns tipos de programas, como se deduz da seguinte observação de um aluno sobre as regras em sua casa:

*É expressamente proibido conversar na hora das notícias, mas durante as novelas a gente pode conversar um pouquinho.*

A oposição silêncio/conversa se relaciona diretamente ao grau de concentração investida pelo (s) espectador (es). Entretanto, antes de abordar este tema, vamos acrescentar alguns pontos sobre a questão da autoridade, que, em frente à TV, como já disse, se traduz no poder de escolher o canal -- poder este cada vez mais concentrado na posse do controle remoto. Eis algumas frases que expressam este fato:

*Em minha casa, chamamos o controle remoto de poder.*

---

<sup>1</sup> Em 1990, uma emissora de televisão francesa anunciou que iria exibir o clássico de Jean-Luc Godard, *Acosado* (1959), sem intervalos, em deferência ao status do filme. Godard solicitou então à emissora que mostrasse sua obra com intervalos comerciais, porque afinal é assim que os telespectadores habitualmente vêem filmes na TV. O diretor reafirmou assim que televisão não é cinema -- embora estações a cabo ou por satélite mostrem filmes sem interrupções, mas isto já é uma outra estória.

*“Põe na Globo!” é o grito de guerra da família contra o controle remoto, uma tenebrosa arma nas mãos de meu pai, que fica mudando de canal.*

*A pessoa que liga a TV detém o “poder”, também conhecido como controle remoto, e que só é liberado durante os comerciais, a menos que eles chamem muito atenção.*

As duas últimas frases mencionam outro fator na escolha dos canais, a norma informal do “quem chega primeiro determina o programa que se vai assistir”. Exemplos como esses mostram que a TV pode induzir a uma certa flexibilidade da hierarquia familiar, porém sem chegar ao ponto de subvertê-la -- ou seja, dentro dos limites institucionais cabíveis. Vejamos, a propósito, um caso em que o pai muda de canal por causa dos filhos, sem todavia abrir mão da posse do controle remoto: “Meu pai também assiste o **Aqui Agora** mas ele não gosta que a gente fique criticando, e daí ele muda de canal”.

Ver TV em companhia de alguém não significa freqüentemente estar junto daquele alguém, e as descrições de situações freqüentemente revelam pessoas que se sentem “together alone”, i.e., juntas sozinhas -- o que equivale ao oposto de estar só, mas se sentir espiritualmente junto de alguém. Num trecho que toca também nas questões da antropomorfização do televisor e da redistribuição do espaço doméstico promovida pelo aparelho, uma aluna descreve uma dessas situações, ao mesmo tempo que faz uma avaliação irônica.

*Na minha casa, a TV tem um quarto só para ela -- a “sala da TV” -- e eu tenho que dividir outro quarto com minha irmã. Meus pais dizem que a razão de termos um lugar só para a TV, e apenas um aparelho em casa é para que a família possa se reunir ao menos uma vez por dia, pois os horários das refeições são desencontrados. Cena ridícula essa, todos sentados no sofá olhando para a TV e, é claro, calados.*

Descrições de refeições em família sugerem situações semelhantes:

*Antigamente, as pessoas conversavam mais na hora do almoço. Hoje quem abre a boca é intimado a se calar; afinal, a vida passa na TV e ninguém quer perder uma pedaço dela.*

*De manhã, saem todos e minha mãe fica sozinha em casa. O almoço é a hora do bate-papo, mas só se ouve a voz da TV. Quando alguém tenta falar, logo vem a resposta, “Silêncio! Cale a boca que eu quero escutar”.*

Para corrigir a falsa impressão de que esta seria uma atitude universal, vejamos exemplos que demonstram relações diferentes:

*Durante as refeições, a “opinião” da TV é sempre citada nas conversas.*

*Habitualmente ficamos vendo os noticiários enquanto esperamos o almoço. Aí quando sentamos à mesa, todos saem da sala e a TV fica*

*ligada. Nem adiante reclamar, faz parte do almoço conversar e ouvir TV ao mesmo tempo.*

*Meu pai e meu irmão vêm simplesmente todos os programas de esportes. Para assistir os da hora do almoço, meu pai comprou uma TV para a copa, só para ver os gols. Até então meus pais nunca tinham deixado a gente almoçar na frente da TV. Antes eles almoçavam escutando a TV da sala, e toda hora que o Vasco aparecia eles saíam correndo da mesa prá ver. Pode?!*

*Depois das novela, minha mãe, que trabalha fora, vai para a cozinha fazer comida para a minha irmã mais nova, que fica paralisada na frente da TV. Pior é que ela come deitada, com os olhos pregados na tela, sem perceber que derruba comida na cama. Confesso que este foi um dos motivos que me separaram do mundo televisivo maternal.*

Neste último caso, não se trata de uma refeição com todos à mesa, e a aluna pode se retirar do meio, presumivelmente sem ofender ninguém. O fato das refeições familiares serem rituais formais, com regras de etiqueta rígidas -- uma das quais é exatamente evitar discussões à mesa -- parece inibir os tipos de atritos que ocorrem nas situações em que as pessoas apenas assistem TV, sobretudo no horário nobre. "Há sempre algum desentendimento por causa da programação, e alguém tem que ceder", conta uma aluna. Ela assume uma atitude positiva face a esses desenlaces negociados, embora sugerindo uma parcela de ressentimentos passageiros, ao afirmar que "não é a TV que vai nos separar, se bem que ela quase o faz. Na hora de papos mais sérios, a gente sempre desliga a TV".

Uma das soluções mais freqüentes para evitar os conflitos é a solução "Cada um com sua TV", em que a oposição convívio/isolamento se expressa no tráfego entre os espaços coletivos (a sala-praça, p.ex.) e os espaços individuais, os refúgios televisuais dentro do lar. Eis 2 exemplos interessantes desse tráfego:

*À noite, é muito comum termos duas televisões ligadas ao mesmo tempo no mesmo canal -- às vezes, até três. Esta é a única hora em que todo mundo tem tempo para se encontrar, descansar e, é claro, ver TV separados.*

*Na minha casa tem 3 televisões diferentes: no meu quarto, no quarto de meu irmão, e no quarto de minha mãe. Às vezes, de noite ficamos todos deitados na cama de casal da minha mãe, vendo o mesmo programa de TV. Como é nessa hora que a gente se encontra, sempre temos algum assunto para conversar. Aí é briga na certa, porque não dá para ouvir o que a TV está falando, e a pessoa acaba saindo, para voltar ao seu próprio mundo televisivo.*

No contexto familiar, a “volta ao próprio mundo” a que esta jovem se refere é quase sempre sinônimo de isolamento -- não necessariamente num sentido negativo. Vejamos alguns exemplos desses modos de territorialização determinados pela distribuição dos aparelhos no espaço doméstico.

*Meus pais assistem TV na sala e eu no meu quarto, o que eles detestam por acharem que me afasta do convívio familiar, mas fico livre de assistir às novelas, que eles adoram e eu detesto.*

*Na minha casa somos em 7, mas só minha mãe fica em casa durante os dias da semana. Temos 4 TVs, e de noite é cada um na sua TV, tornando raros os momentos em família. Mas nada como uma seleção canarinho para juntar a galera.*

*Lá em casa, cada pessoa é um tipo de público, e por isso a TV nos separa. Mas se ligamos a TV e algo nos interessa, às vezes assistimos juntos e fazemos comentários sobre o assunto.*

*No domingo, TV é a minha última alternativa. Quando fico em casa e a família toda fica assistindo TV, eu me tranco no meu quarto. Costumo ouvir música nessas horas.*

*O telefone tocou, e lá em casa ninguém abaixa o volume para que o outro possa falar. O telefone tem um fio bem longo, como que dizendo. “Os incomodados que se mudem”.*

Nos relatos, encontrei várias alusões à conhecida função da TV de ser uma “companhia” em horas de solidão. “Às vezes, sei que nem quero prestar atenção, mas ligo a TV assim mesmo”, narra uma aluna, vinculando esta função a uma recepção distraída -- o que nem sempre é o caso. E ela prossegue: “Costumo fazer isso quando estou só, para não sentir tanta solidão, e acabo dormindo com a TV ligada”. Outro aluno coloca a questão em termos similares, talvez um pouco menos vitimizados: “A TV muitas vezes funciona como uma companheira, já que muitas vezes ela fica ligada apenas para que algum som seja ouvido”.

Para concluir este ponto, cabe enfatizar que há muitas ocasiões em que as pessoas ficam sós para melhor saborearem um programa favorito, como espectador ou espectadora atenta.

*Quando estou em casa à noite, vejo TV às prestações. Como a TV do quarto de minha mãe fica sempre ligada, às vezes paro e olho. Na hora do “Jô Onze e Meia”, ligo a TV do meu quarto. Gosto de ver o programa me preparando para dormir. Nos intervalos, escovo os dentes, passo creminho por etapas, e antes do programa terminar já estou deitada.*

Quando as pessoas vêem TV juntas, a exigência de silêncio está normalmente associada a uma recepção atenta da TV -- afinal, é em nome dela



que se pede silêncio. Embora seja correta a observação de que o ambiente de cinema favorece uma recepção atenta do filme, enquanto o ambiente doméstico favorece uma recepção distraída, ou intermitente, da programação de TV, a inferência de que o telespectador estaria "normalmente" distraído é problemática. Já vimos que muitos atritos começam quando alguém que quer prestar atenção se sente incomodado, ou incomodada; por outro lado, como o último relato citado mostra, a preferência por assistir TV só está freqüentemente associada com a recepção atenta que o isolamento favorece. A TV pode falar sem ninguém a perturbar.

Vamos agora iniciar algumas considerações sobre a oposição concentração/distração, com um exemplo típico do segundo termo:

*Muitas vezes minhas duas irmãs pequenas ligam a TV e saem da sala, depois voltam e assistem um pouco, saem outra vez e ficam assim. Elas podem nem entender o que a TV está mostrando, mas assistem pelo simples prazer de ver a TV iluminada, com imagens e cores passando.*

Agora outro exemplo típico, porém para ilustrar como a recepção atenta também é freqüente:

*Durante o jogo, minha mãe e minha irmã tentaram conversar comigo, mas como eu estava muito ligada elas preferiam não me incomodar.*

Num dos pontos extremos desta concentração, encontramos alguns processos psíquicos familiares, como a transferência e a catarse. Aqui estão algumas frases que reiteram esses temas:

*Minha mãe, desde que parou de trabalhar, começou a gostar de novelas. Ela assiste os telejornais com interesse, mas quando a novela começa, parece que ela se transporta para outro mundo, onde os personagens passam realmente a existir.*

*Na minha casa, as pessoas discutem as novelas como se fossem o casamento da filha, a festa da vizinha. Mais cedo ou mais tarde, a novela terá seu final feliz, e poderemos ir dormir tranquilos, com a certeza de que pelo menos um dos "nossos" problemas foi solucionado.*

*Minha mãe é uma noveleira. Ela se torna íntima dos personagens, "vive" a história com eles. Mesmo quando ela não gosta da novela, ela acompanha todos os capítulos só para falar mal.*

*Minha mãe e minha irmã de 20 anos têm "neurose de telenovela". Elas parecem viver mais os problemas dos personagens que os seus próprios. Suas vidas giram em torno disso, e elas só falam de novelas -- que, aliás, são o papo preferido da vizinhança.*

Observemos que todos esses exemplos dizem respeito a mulheres e telenovelas, e ao círculo vicioso de consumo em que as primeiras se mantêm e são mantidas. Caso algum filho se arrisque a questionar, o pai habitualmente se coloca ao lado da mãe, muitas vezes com um argumento irresistível: "Sua mãe trabalha em casa para vocês o dia inteiro, deixem ela assistir o que quiser". Ouseja, um dos prêmios que ela merece pelo dia de trabalho doméstico é assistir o capítulo da novela, ou das novelas, que ela acompanha -- de preferência, comutando ficção e realidade em fantasias escapistas que se tornam um fator de equilíbrio psíquico, ao aliviarem as pressões internas e externas acumuladas no cotidiano.

Por outro lado, é curioso observar que este tipo de concentração pode levar a uma aparentemente paradoxal posição de recepção ativa, oxímoro que serve para descrever situações em que o espectador ou espectadora verbalizam "respostas" à TV, como nestes exemplos:

*Durante as novelas, o silêncio é total e a tensão predomina. As pessoas se envolvem com a vida e os problemas dos personagens de uma maneira tão intensa que chegam até a aconselhar e a "conversar" com os personagens.*

*Meus avós respiram televisão. É realmente impressionante vê-los conversando com locutores de jornais, ou repreendendo um filme por causa de uma "mentira".*

Como a TV não é interativa, ela continua a falar normalmente. Nesses "diálogos", as pessoas falam mais para si mesmas, pois sabem que a TV não as ouve. De qualquer maneira, é necessário considerar o que os telespectadores fazem após essas alterações com os personagens: prosseguem assistindo, mudam de canal, desligam a TV, continuam a conversar, ou simplesmente saem da sala?

Nos casos em que a pessoa continua a assistir, seu estado físico-motor permanece inalterado, confirmando a norma de que "um corpo inerte tende a ficar colado no tubo". Afinal o consumo de televisão leva a mais consumo, estimulado pelas constantes chamadas para as atrações seguintes, que sempre parece mais excitante do que aquilo que estamos vendo. De certo modo, somos condicionados a assistir aguardando o próximo programa, e assim por diante, sempre inertes. Se, por um lado, "o principal benefício de ver TV é relaxamento", por outro, "os estados físicos e mentais relaxados e passivos associados à recepção dificultam desligar a TV"<sup>2</sup>. Isto é confirmado em diversos relatos:

---

<sup>2</sup> Kubey, Robert. "A Body at Rest Tends to Remain Glued to the Tube". The New York Times, August 5, 1990, p. H-27. Kubey também examina recepção em *Television and the Quality of Life* (Eribaum: Hillsdale, N.J., 1990).

*Ver a Globo é um vício tão forte que, às vezes, falta disposição para apertar o botão do controle remoto.*

*Estou programando um atentado à TV lá de casa. O pessoal está precisando de atividade física.*

*A TV (...) me faz engordar, pois fico diante dela, comendo e com preguiça de praticar esportes.*

*Pobre TV, que leva a culpa de tudo. Para desligá-la basta um mínimo de esforço, mas é como se estivéssemos amarrados no sofá, e fôssemos obrigados a assistir programas que não queremos. Nada mais irritante do que uma discussão sobre como tal programa é pornográfico, ou aquele outro violento, quando ninguém toma a iniciativa de mudar o canal ou desligar a TV.*

Os prolongamentos naturais desta inércia são a hipnose e o sono, estados aos quais a TV se vincula de múltiplas maneiras. No horário da tarde, ela pode ajudar uma boa siesta.

*Depois do almoço a TV é desligada, a menos que alguém queira tirar uma sonectona. Ela serve para ninar, com aquela voz eletrônica e hipnotizadora. Ah, que sono!*

*Para dormir de dia, só mesmo ligando a TV. Se o programa for chato então, ela funciona como um verdadeiro sonífero.*

Lá pelo meio da noite, ela serve para adormecer pais que tiveram um dia cansativo. Neste primeiro exemplo, um aluno fala sobre o comportamento de sua mãe, enquanto o pai assiste um telejornal:

*Ela não declara, mas sei que anseia pelo fim do noticiário e pelo início da novela das 8, durante a qual ela começa a cochilar.*

Mais 2 exemplos:

*Minha mãe adora televisão. Para dormir. É tiro e queda.*

*Depois das 9 da noite, meu pai quase sempre dorme antes de terminar o programa que está assistindo. Ele dorme com o controle remoto na mão, de onde a gente tira sorratamente.*

O ato de aproveitar que alguém dormiu para mudar o canal é também mencionado num comentário sobre o outro horário: "No final da tarde de domingo, minha mãe e minha irmã tiram um cochilo, e eu aproveito para mudar o canal".

Finalmente, há os horários de fim de noite, nos quais as pessoas com frequência já estão na cama, a caminho do sono.

*A TV e a leitura são os melhores remédios para minha insônia. A primeira tem a vantagem de funcionar com a luz apagada e não amassar ou sujar quando durmo. Como a minha TV está quebrada, estou sem ver TV pela noite adentro, e sinto até uma coceira nos olhos.*

*Gosto de assistir TV sozinha. Quando estou sem sono, ela ajuda a me distrair até que o sono venha<sup>3</sup>.*

À parte da questão do sono, o lado mais negativo da inércia e da disposição psíquica a ela associada é que muitas pessoas se sentem menos, e não mais felizes após algumas horas em frente à TV. Encontrei indícios de que há ocasiões em que esses estados levemente depressivos estão associados a uma sensação de perda de tempo e ao sentimento de culpa correspondente -- e aqui vale lembrar uma antiga definição inglesa, que caracteriza a televisão como "um dos maiores desperdiçadores de tempo [time-waster] jamais inventados". Essas questões estão bem ilustradas no seguinte trecho:

*Sinto-me impotente ante a tentação de ligar a TV, e hipnotizada quando estou na frente dela. Aceito a TV como um vício, como algo que sei que está tomando meu tempo, um tempo em que eu poderia estar fazendo coisas mais interessantes.*

Com efeito, e aqui cabe abrir um breve parêntese, as pessoas não vêem TV quando têm mais o que fazer. A conhecida frase, "Ando sem tempo para ver TV", é frequentemente mais que afetação intelectual. Voltando à questão da inércia, citações anteriores já mostraram que a TV é uma boa companhia para amenizar solidões e ansiedades. Porém o que acontece quando o televisor é desligado? O estado de recepção passiva não cessa assim que as pessoas param de assistir, e pode, inclusive, se transferir para como elas se sentem depois", responde o psicólogo Robert Kubey.<sup>4</sup>

Como se sabe, outra função da TV é substituir relações sociais reais por relações imaginárias mediadas por ela. A mãe de um aluno, por exemplo, assiste a missa na TV aos domingos, porém ele observa: "Tenho certeza que ela, apesar de gostar de televisão, preferiria ver a missa numa igreja". Eis outro caso ainda mais clássico: "A TV acomoda a gente. Em lugar de irmos ao cinema, ligamos a TV para ver um filme". Essas substituições não são exclusividade dos adultos, sendo impostas também às crianças. A TV substitui a mãe, na sua conhecida função de babá eletrônica:

---

<sup>3</sup> Neste ano, uma emissora de televisão alemã "assumiu" essa função de sonífero para notívagos. Em lugar de sair do ar de madrugada, o canal exibe imagens para dormir -- um aquário, uma versão do "contar carneirinhos", entre outras.

<sup>4</sup> Kubey, Robert. Art. cit.

*Nas manhãs dos dias de semana, a TV fica à disposição de minha irmã de 6 anos. É uma maneira cômoda e segura de entreter uma criança que mora num prédio sem parquinho, porque é uma situação protegida dos perigos da rua.*

Quando crescem, é exatamente para as ruas que muitos jovens preferem ir, em lugar de ficar em casa vendo TV, atividade cujas gratificações passam a ser vistas com algumas reservas.

*Gosto de ver TV, mas não a ponto de desperdiçar meu fim de semana, ou acordar de madrugada para ver corrida de Fórmula 1. A gente prefere ouvir música (cada um a sua, claro) ou sair, a ficar em casa sentada na frente da TV.*

*Sou muito mais ir para a praia tomar cerveja ou dormir à tarde toda, do que ficar vendo TV domingo à tarde.*

*Meu irmão mudou-se recentemente para uma república de estudantes. Sua casa não tem televisão, e ele me confessou que isso o faz mais feliz.*

*A TV geralmente me irrita. Só assisto se for um bom filme ou um bom programa esportivo, que distraem e relaxam quando fico em casa.*

Essas e outras estratégias individuais de resistência à TV -- a recepção crítica, por exemplo -- se fortalecem quando as pessoas são estimuladas a pensarem sobre suas próprias relações com a TV. Sem dúvida, é fundamental aprender e ensinar a "ler" programas de televisão, sobretudo se considerarmos os baixos índices de alfabetização audiovisual vigentes. Entretanto, análises complexas dos mecanismos de produção de sentido num texto dado -- ou seja, os usos de modelos sofisticados com base semiótica -- são de difícil acesso aos não-especialistas, o que determina seus limites no âmbito de uma pedagogia não-paternalista do espectador como a proposta aqui. É neste contexto que a reflexão sobre as nossas relações com a TV como um todo -- e não apenas com textos específicos -- se mostra particularmente frutífera. Educadores e formadores de opinião são um alvo evidente desta prática. Porém, de forma mais abrangente, a maioria das pessoas também o é -- afinal, todos nós vemos TV e temos uma casa.